

# A hermenêutica bíblica como poética a partir de Paul Ricoeur

## *Biblical Hermeneutics as Poetics According to Paul Ricoeur*

RENÉ DENTZ\*

### Abstract

The Bible, as a text, carries within it a world that allows the reader to better understand him or herself. In general, the hermeneutics of texts can be applied both to the biblical domain and to other specific domains. However, Ricoeur argues that this specific application to the Bible offers an interesting opportunity, as it reveals the uniqueness of biblical hermeneutics. The Bible presents itself as an internally structured ensemble, where the naming of God stands as the point of convergence for different forms of discourse, such as narratives, laws, prophecies, proverbs, and hymns. At the same time, this naming of God always remains in the abyss, referring to the “God” or the “Infinite”. Thus, particular forms of discourse, like parables, eschatological proclamations, and proverbial formulas, emerge with their dimension of “strangeness”, hyperbolic or paradoxical, creating a rupture in the common perception of the world and reorienting existence through an initial disorientation. This “logic of the absurd” inaugurated by the texts points towards that which transcends our everyday reality.

---

\* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; <https://orcid.org/0000-0002-4842-0827>; [dentz@hotmail.com](mailto:dentz@hotmail.com).

**Keywords:** Revelation; Meaning; Hermeneutics; Infinite; Poetics.

### **Resumo**

A Bíblia, enquanto texto, carrega consigo um mundo que possibilita ao leitor uma melhor compreensão de si mesmo. De maneira geral, a hermenêutica dos textos pode ser aplicada tanto ao domínio bíblico como a outros domínios particulares. No entanto, Ricoeur argumenta que essa aplicação específica à Bíblia oferece uma oportunidade interessante, pois revela a singularidade da hermenêutica bíblica. A Bíblia se apresenta como um conjunto internamente estruturado, onde a nomeação de Deus se destaca como o ponto de convergência para as diferentes formas de discurso, como narrativas, leis, profecias, provérbios e hinos. Ao mesmo tempo, essa nomeação de Deus permanece sempre no abismo, referindo-se a «Deus» ou ao «Infinito». Assim, formas particulares de discurso, como parábolas, proclamações escatológicas e fórmulas proverbiais, surgem com sua dimensão de «estrangeiridade», hiperbólica ou paradoxal, criando uma ruptura na visão comum do mundo e reorientando a existência através de uma desorientação inicial. Essa «lógica do absurdo» inaugurada pelos textos aponta em direção ao que transcende nossa realidade cotidiana.

**Palavras-chave:** Revelação; Sentido; Hermenêutica; Infinito; Poética.

### **Introdução**

De acordo com Paul Ricoeur, o Novo Testamento continua a referir-se a Deus, através da pregação de Jesus sobre o «Reino de Deus», que se conecta ao Reino de Abraão, Isaac e Jacó. Além disso, há uma progressiva convergência para o evento da Paixão. Através da predição da cruz e da ressurreição em Cristo, a palavra «Deus» adquire uma nova intensidade, apontando para um dom que nos é concedido e para a relação que podemos ter com esse dom ao reconhecê-lo. A linguagem bíblica, assim, nos apresenta uma poética do dom no amor – uma lógica de superabundância gratuita que a hermenêutica bíblica tem como objetivo revelar.

A ênfase principal pode ser colocada na afinidade fundamental entre a lógica da justificação pela fé e a lógica das parábolas. A lógica da superabundância, expressa no «com quanto mais forte razão» de Romanos 5, 15-17 e resumida no paradoxo de Romanos 5, 20-21, evoca a estranha lógica da superabundância presente nas parábolas.

Nesse sentido, a lógica da superabundância não será apenas a contraparte conceitual do elemento surpresa e extravagância nas parábolas?<sup>1</sup>. O caminho de articulação entre ética e Escritura, para além dos termos normativos explícitos, encontra sua materialização nas disposições do sujeito moral, mediadas pela imaginação. Além das ações daquele que crê, a raiz da criatividade reside em seu ser, sendo tocada e transformada. Nesta última dinâmica, a poética bíblica transforma o crente em um «si cristo-mórfico», por assim dizer. Em continuidade com os primeiros discípulos, todos somos convidados a participar da vida de Jesus e a nos deixar guiar por uma relação de aprendizagem, como bem demonstra, por exemplo, o Evangelho de Marcos.

### **1. Imaginação como poema**

A possibilidade de uma dependência sem heteronomia se deve ao fato de o poema do Êxodo ou da Ressurreição endereçar-se à imaginação para ser recebido, em vez de exigir uma obediência cega. A imaginação é essa dimensão subjetiva que responde ao texto como «Poema». É através desse caminho que a poética da existência responde à poética do discurso. A relação poética entre a Palavra de Deus e o sujeito moral resulta em uma melhor compreensão da conexão paradoxal entre ética e fé, manifestando-se como uma ética singular. O mandamento do amor, que expressa a essência normativa das Escrituras, não implica heteronomia, mas, diante de toda lei, é o uso poético do imperativo que desperta uma resposta livre do indivíduo, constituindo sua autonomia em relação a Deus e aos outros.

---

<sup>1</sup> Cf. Paul Ricoeur, *A Hermenêutica Bíblica* (São Paulo: Loyola, 2006), 215-216.

Assim como os provérbios proferidos por Jesus, as parábolas também utilizam paradoxos e hipérboles. Essa extravagância focaliza a sabedoria convencional e o sentido de nossa existência, nos desorientando de concepções comuns e nos reorientando para uma nova perspectiva. Segundo o autor, ouvir as parábolas de Jesus é permitir que nossa imaginação se abra a novas possibilidades desenvolvidas pela extravagância desses dramas curtos. Se olharmos para as parábolas como uma palavra direcionada mais à imaginação do que à nossa vontade, não seremos tentados a reduzi-las a meros conselhos didáticos ou alegorias moralizantes. Permitiremos que seu poder poético se desdobre em nós mesmos. É em nosso coração de imaginação que deixamos o evento acontecer antes de poder converter nosso coração e direcionar nossa vontade<sup>2</sup>.

Nesse contexto, a poética bíblica é essencialmente ética, abrangendo uma meta-ética fundamental em diversos níveis. A imaginação desempenha um papel importante nesse momento crucial, permitindo a criação a partir da subjetividade recebida do texto como poema da existência. Os textos bíblicos, na realidade, não nos preparam para tomar decisões específicas ou contêm oráculos sobre nossa ação prática. Em vez disso, eles constroem para nós um mundo no qual tomamos nossas próprias decisões; eles traçam um horizonte. Nossa decisão não depende diretamente da nossa leitura, mas somos transformados quando lemos. Por isso, decidimos de maneira diferente<sup>3</sup>.

Em conclusão, é fundamental destacar que os textos bíblicos «atuam» em um nível de processo de decisão. A interiorização do ponto de vista bíblico implica analisar uma situação específica e nos convida a examinar alguns aspectos importantes da vida. Eles nos incentivam a reconhecer, por exemplo, a presença de Deus e dos irmãos e a viver de acordo com a lógica do dom.

---

<sup>2</sup> Cf. Paul Ricoeur, «Manifestation et Proclamation,» *Archivio di Filosofia* 44 (1974): 57-76.

<sup>3</sup> Cf. Paul Beauchamp, *L'un et l'autre testament* (Paris: Seuil, 1987), 63.

## 2. A singularidade da linguagem religiosa

Para Ricoeur, a especificidade da linguagem religiosa é marcada pelo aprofundamento da função metafórica, por meio dos dizeres proclamatórios e da extravagância das parábolas. São os primeiros que respondem pela singularidade da linguagem religiosa, entendendo que a proclamação de Jesus foi fundamentalmente escatológica. As parábolas se mostram como narrativas fundamentadas em palavras escatológicas. Os recursos fundantes de interpretação aplicados aos dizeres proclamatórios e proverbiais contemplados nas expressões-limite, mediante as formas de intensificação pelo paradoxo e pela hipérbole, constituem o caráter extravagante desse modo de narrativa. O extraordinário no ordinário causa impacto no final das parábolas. No entanto, podemos observar que as parábolas também podem ser operacionalizadas pela hipérbole e pelo paradoxo.

As parábolas mais paradoxais e mais estranhas, no que concerne ao seu realismo, são as que Jeremias agrupou sob os títulos de «a iminência da catástrofe» e de «pode ser tarde demais». O esquema de «colher a ocasião que só se apresenta uma vez, depois do que será tarde» inclui a dramatização do que na experiência ordinária chamamos «aproveitar a ocasião»; mas essa dramatização é ao mesmo tempo paradoxal e hiperbólica: paradoxal porque vai contra toda experiência efetiva segundo a qual há sempre outra chance, e hiperbólica porque exagera a experiência do caráter único das decisões importantes da existência.<sup>4</sup>

Segundo Ricoeur<sup>5</sup>, o simbólico em uma história-metáfora é seu aspecto de realismo. Partindo desse pressuposto, teremos determinado o aspecto que transforma a poética da parábola em uma poética da fé. Dessa forma também, a linguagem religiosa exerce a função de um «modelo» em relação ao conjunto da experiência humana. As próprias

---

<sup>4</sup> Ricoeur, *A Hermenêutica Bíblica*, 199.

<sup>5</sup> Cf. Ricoeur, *A Hermenêutica Bíblica*, 201.

experiências-limite são ontologizadas por Ricoeur; elas são entendidas como condições da existência humana. Ricoeur não reconhece a extravagância nas parábolas pelo fato de serem levantadas perguntas histórico-sociais. Também nesse ponto, Ricoeur conta com a possibilidade de generalização da vida humana; de fato, ele pronuncia juízos histórico-sociais sem refleti-los em termos históricos. A explicação das metáforas por Ricoeur é importante para a superação da divisão entre imagem e objeto, na parábola<sup>6</sup>.

Por outro lado, sabemos também que a função poética da ficção é a de redescrever a realidade como um modelo. No entanto, o discurso religioso não é apenas uma ficção como outras, pois uma de suas principais especificidades está na representação de experiências-limite. Trata-se de uma experiência que indica a nossa condição humana.

A pretensão das Escrituras de que a compreensão-de-si cristã seja, de fato, a compreensão da autêntica existência humana [...]. E essa adequação de expressões-limite às experiências-limite significadas por nossa afirmação de que toda linguagem religiosa, como toda linguagem poética, no sentido mais forte do termo, redescreve a experiência humana.<sup>7</sup>

Ricoeur defende ainda que só os conceitos-limite podem assumir a função mediadora, estabelecendo uma ponte entre o conceito de experiência-limite motivadora do referente da linguagem-limite e o conceito da situação-limite. A essa característica, Ricoeur chama «dinamismo», por requerer da linguagem simbólica uma interpretação, pois ela é motivada pela própria expressão simbólica que promove o pensamento, sem limitar suas significações. A linguagem poética não diz o que as coisas são, mas com que elas se parecem, indicando o espaço lógico entre pensamento e saber o lugar do discurso do incondicionado. O limite

---

<sup>6</sup> Cf. Luise Schottrof, *As parábolas de Jesus* (São Leopoldo: Sinodal, 2007), 115.

<sup>7</sup> Ricoeur, *A Hermenêutica Bíblica*, 207.

lembra-nos que «é como» implica «não é». Por isso não se abandona o vocabulário kantiano do limite imposto pela razão às reivindicações do saber objetivo. Da mesma maneira que a tensão entre as interpretações literal e metafórica é essencial à significação da metáfora, uma tensão entre a reivindicação objetiva do saber e a apresentação poética do incondicionado deve ser preservada. Essa linguagem é ao mesmo tempo a dos conceitos-limite e das apresentações figurativas do incondicionado<sup>8</sup>.

A partir do horizonte do conceito-limite é necessária uma interpretação ética do discurso poético e religioso, com o intuito de eliminar efeitos redutores. Esse diálogo possibilitará traçar uma linha de fronteira e destacar do mundo dos textos seu projeto implícito de existência, sua proposição indireta de existência de novos modos de ser.

### 3. Revelação

O conceito de «Revelação» no pensamento de Ricoeur está intimamente ligado à «Nomeação de Deus». De fato, a revelação ocorre precisamente no texto. No entanto, há uma diferença essencial entre os textos poéticos e o poético religioso, especialmente no que diz respeito às interpretações que deles surgem. Ricoeur argumenta que, na filosofia e na religião, a atitude crítica está associada à filosofia, enquanto, no momento da leitura religiosa, existe uma ideia de dependência em relação a uma realidade externa. Em outras palavras, a característica mais genuína do texto religioso parece ser a adesão a um conjunto de regras ou a um cânone específico. Conhecemos essa palavra porque está escrita, e está escrita porque é recebida e lida; e esta leitura é aceita por uma comunidade que, por isso, aceita ser decifrada pelos seus textos fundadores. Portanto, de certa maneira, ser um sujeito religioso é aceitar entrar ou ter já entrado nesta grande circulação entre uma palavra fundadora, textos mediadores e tradições de interpretação<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Cf. Ricoeur, *A Hermenêutica Bíblica*, 220.

<sup>9</sup> Paul Ricoeur, *Lectures 3 Aux frontières de la philosophie* (Paris: Seuil, 1994), 198.

Para Ricoeur, a Bíblia é como um poema, mesmo que se mostrando em gêneros diversos, composta por textos em sua maioria não poéticos. Deus é o referente último, pois é a Sua nomeação pelos textos bíblicos que especifica o religioso no interior do poético. Então, procura fazer uma distinção entre o uso religioso do nome Deus e o uso onto-teológico.

A linguagem poética é aquela que rompe com a linguagem cotidiana e se constitui um instrumento em favor da inovação semântica. A linguagem poética, longe de celebrar a linguagem por ela própria, abre um mundo novo, que é a coisa do texto, o mundo do poema. O mundo do texto é o que incita o leitor, o auditor, a compreendê-lo diante do texto e a desenvolver, em imaginação e em simpatia, o si suscetível a habitar esse mundo, desenvolvendo nele suas possibilidades mais próprias. Nesse sentido, a linguagem religiosa é uma linguagem poética. Aqui, a palavra «poética» não designa mais um «gênero literário» que se acrescentaria à narrativa, à profecia, etc., mas o funcionamento global de todos esses gêneros, na condição que sedia a inovação semântica, a proposição de um mundo, a suscitação de uma nova compreensão de si<sup>10</sup>.

Portanto, Ricoeur estabelece a articulação do nome de Deus como uma expressão-limite. A múltipla nomeação de Deus no texto bíblico, por meio de diferentes formas como narração, profecia, sabedoria e hino, é constituída por discursos parciais, uma vez que é impossível referir-se a Ele de forma objetiva e completa. Nesse contexto, a proposta da parábola se destaca, pois envolve o que Ricoeur chama de «lei da extravagância».

Ricoeur aborda a questão da unidade e da diversidade dos discursos bíblicos de forma prudente, enfatizando a polifonia do texto e a pluralidade das formas de nomeação de Deus, mesmo apreciando a «unidade imaginativa» do Grande Código, proposta por Frye. Ele destaca a ausência de um centro teológico absoluto na Bíblia, contrariando sistematizações como a teologia da Aliança e da História Sagrada. Sua hermenêutica bíblica evoluiu, mantendo a tensão entre unidade e dispersão, mas aprofundando o tratamento da diversidade de gêneros literários da Bíblia.

---

<sup>10</sup> Cf. Ricoeur, *Lectures* 3, 301.

Ricoeur não abandona o termo kantiano do limite, reivindicado pela razão, em relação às pretensões do conhecimento objetivo. Ele argumenta que a tensão entre as interpretações literal e metafórica é essencial para a significação da metáfora, assim como a tensão entre a reivindicação objetiva do conhecimento e a apresentação poética do incondicionado deve ser preservada.

A exegese revela a existência de diversos gêneros literários na Bíblia, como discurso profético, narrativo, prescritivo, sapiencial, hínico, entre outros. Ricoeur defende que essa pluralidade de formas literárias não deve levar ao abandono do conceito unívoco de Revelação, mas sim a um conceito substancialmente polissêmico do ato de revelar. Os gêneros literários não são apenas fachadas retóricas, mas também veículos importantes para o conteúdo teológico.

Lévinas, em reação a essa abordagem, enfatiza a prevalência do discurso prescritivo na leitura judaica da Bíblia, especialmente a centralidade do mandamento «não matarás». Essa perspectiva está alinhada com uma filosofia ética, com a primazia de uma abordagem deontológica em relação à teleológica. A ética defendida por Lévinas é centrada na norma, com a questão fundamental: «O que devo fazer?»

Segundo Lévinas, a criação é um dom do ser. O que a narração apresenta em uma ordem cronológica, inicialmente o dom da criação, em seguida o dom da Lei, primeiro o dom, em seguida o mandamento, é a maneira de uma narração indicar uma ordem no princípio. O dom vem primeiro.

Aqui fica clara a semelhança entre os dois filósofos. Para Lévinas, a filosofia é sem consolo, pois não possui a dimensão da promessa. Essa mesma perspectiva pode-se afirmar para Ricoeur. No entanto, o primeiro entende «promessa» como relação do sujeito com a História. Para o segundo, «promessa» seria uma constituição própria do sujeito, pois é, em última instância, a sua condição.

Esclarecendo as características formais da história primordial, Ricoeur mostra em que a noção original de criação se distingue do

conceito filosófico de origem radical das coisas que leva em consideração a tese metafísica da *creatio ex nihilo*. A análise dessas características formais mostra que é impossível encerrar o tema da criação em uma forma literária privilegiada, ao mesmo tempo em que ela permite tomar consciência da pluralidade dos modelos operatórios que distingue o exegeta Claus Westermann: criação por geração, por combate, por fabricação, por palavra.<sup>11</sup>

As escrituras hebraicas iniciam já uma reflexão sobre a maneira como a Lei deve ser compreendida, ou seja, ela faz um convite a «pensar a Lei». Entre diversos autores que abrem essa discussão está André LaCocque, que influenciou Ricoeur e foi co-autor de *Penser la Bible*. Ele salienta que a narrativa do sacrifício de Abraão (Gn 22) já contém a ideia de uma «suspensão teleológica da ética». Isso quer dizer que, no povo de Deus, há um lugar para a interpretação rabínica e a interpretação cristã. Ou seja, abre-se uma possibilidade de interpretação da Lei.

A aposta em um pensamento que parte do sentido da linguagem, faz Ricoeur afirmar o reconhecimento de uma crença como pressuposição, que não é, mesmo assim, suficiente. Trata-se de, em seguida, legitimar esse ponto de partida contingente, afirmando que, graças a ele, o filósofo alcançará uma inteligência mais elevada. A filosofia alcança uma universalidade por meio de um acesso simbólico ao mundo, fora de toda abordagem confessional. Sendo assim, o que importa é seu ponto de chegada e não seu ponto de partida. A linguagem da Bíblia busca a potenciação de si mesma. O texto se coloca como poesia, realiza na língua e na linguagem a função mesma de transgressão. A linguagem está sempre se procurando a si mesma. Saber jogar esse jogo de linguagens é o que Ricoeur chama de «aproximação poética, porque ela chama à atenção no que diz respeito à produtividade da narrativa, à sua exigência de interpretação»<sup>12</sup>. Esta produtividade foi chamada por Aristóteles de *poiésis*, na

---

<sup>11</sup> Jean Greisch, *Le buisson ardent et les lumières de la raison. L'invention de la philosophie de la religion* (Paris: Cerf, 2004), 838.

<sup>12</sup> Paul Ricoeur, *Pensando biblicamente* (Bauru: Edusc, 2001), 107.

sua teoria da tragédia entendida como uma *mimesis* da ação, por meio do *mythos* inventado pelo poeta.

A metáfora, como sabemos, é, desde Aristóteles, uma transferência de sentido graças à qual um nome passa de próprio a figurado. Ricoeur cita a bela fórmula de Orígenes, falando dos «movimentos do amor»<sup>13</sup>, para descrever os «movimentos» da metáfora nupcial. É uma concessão indevida à exegese alegórica? De forma alguma, como mostra a citação seguinte: «Essa sublimação poética no coração mesmo da erótica dispensa toda acrobacia visando dessexualizar o referente. É suficiente que ele seja deslocado poeticamente».<sup>14</sup>

### Conclusão

A utilização da metáfora busca uma reinterpretação do mundo, que já está pré-interpretado pelo agir humano. Nosso autor enfatiza que o discurso, inclusive sob a forma de texto, consiste em alguém transmitir algo a outra pessoa sobre algo mais. Portanto, a questão que surge é se existe um referente exclusivo para o texto religioso que não se encontra nos outros textos. Ricoeur afirma que sim, há uma exclusividade no texto religioso.

É notável que cada forma de discurso evocada guarda um estilo particular de confissão de fé, onde Deus é nomeado de forma original. A fé bíblica tem algo específico a oferecer, e não seriam apenas artifícios retóricos estrangeiros os que preenchem as categorias como narrativa, oráculo e mandamento. Pelo contrário, é admirável ver como estrutura e querigma se apropriam mutuamente em cada forma de discurso, permitindo a diversificação da nomeação de Deus.

A variedade da linguagem bíblica, portanto, reflete a própria pluralidade da vida humana em sua diversidade contextual. Trata-se da polifonia presente no texto e no mundo bíblico. Nesse cenário plural,

---

<sup>13</sup> Paul Ricoeur, *Penser la Bible* (Paris: Seuil, 1998).

<sup>14</sup> Ricoeur, *Penser la Bible*, 421.

encontram-se diversas nomeações de Deus, que se inserem em uma realidade humana com suas contradições.

Para Ricoeur, a teologia não pode ser apenas uma teologia da palavra, conforme defendido por Karl Barth e Gerhard Ebeling. Ele critica a semiótica como investigação hermenêutica estruturalista, que, quando levada ao extremo, abala o discurso, transformando-o em um conjunto de estruturas fechadas, perdendo sua função referencial. Em vez disso, a linguagem deve ser uma mediação entre a mente e o mundo. O texto, ao se distanciar do autor, adquire a capacidade de universalização, ultrapassando os limites contingentes do discurso e tornando-se legível universalmente. Ricoeur destaca a importância de se concentrar não apenas na intenção do autor, mas também no mundo do texto, na própria essência do texto que ele transmite. Dessa forma, a hermenêutica bíblica se mantém no centro do próprio texto bíblico, como uma hermenêutica teológica da fé.

### Bibliografia

- Beauchamp, Paul. *L'un et l'autre testament*. Paris: Seuil, 1987.
- Bíblia e Filosofia: as luzes da razão*. Organizado por Françoise Mies. São Paulo: Loyola, 2012.
- Greisch, Jean. *Paul Ricoeur: l'itinérance du sens*. Grenoble: Jérôme Millon, 2001.
- Greisch, Jean. *Le buisson ardent et les lumières de la raison. L'invention de la philosophie de la religion*. Paris: Cerf, 2004.
- Ricoeur, Paul. «Manifestation et Proclamation.» *Archivio di Filosofia*, no 44 (1974): 57-76.
- Ricoeur, Paul. *La métaphore vive*. Paris: Seuil, 1975.
- Ricoeur, Paul. «La philosophie et la spécificité du langage religieux.» *Revue d'histoire et de philosophie religieuses*, no 55 (1975): 13-26. <https://doi.org/10.3406/rhpr.1975.4247>
- Ricoeur, Paul. «Philosophical Hermeneutics and Theological Hermeneutics.» *Studies in Religion. Sciences religieuses*, no 5 (1975): 14-33. <https://doi.org/10.1177/000842987600500103>
- Ricoeur, Paul. «Parole et symbole.» *Revue des sciences religieuses*, no 49 (1975): 142-161. <https://doi.org/10.3406/rscir.1975.2729>

- Ricoeur, Paul. «La Bible et l’imagination.» *Revue d’histoire et de philosophie religieuses*, no 62 (1982): 339-360. <https://doi.org/10.3406/rhpr.1982.4677>
- Ricoeur, Paul. *Temps et récit*. Paris: Seuil, 1983.
- Ricoeur, Paul. *Du texte à l’action*. Paris: Seuil, 1986.
- Ricoeur, Paul. *O discurso da ação*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- Ricoeur, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990. <https://doi.org/10.7202/027164ar>
- Ricoeur, Paul. «La Vie chrétienne». *Journal de l’Église presbytérienne au Canada*, no 41 (1992): 4-6.
- Ricoeur, Paul. *Lectures 3: Aux frontières de la philosophie*. Paris: Seuil, 1994.
- Ricoeur, Paul. *La critique et la conviction*. Paris: Calmann-Lévy, 1995.
- Ricoeur, Paul. *Penser la Bible*. Paris: Seuil, 1998.
- Ricoeur, Paul. *La mémoire, l’histoire, l’oubli*. Paris: Seuil, 2000.
- Ricoeur, Paul. *L’herméneutique biblique*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2000.
- Ricoeur, Paul. *Parcours de la reconnaissance*. Paris: Seuil, 2004.
- Ricoeur, Paul. *Finitud y culpabilidad*. Madrid: Editorial Trotta, 2004.
- Ricoeur, Paul. *A Hermenêutica Bíblica*. São Paulo: Loyola, 2006.
- Ricoeur, Paul, & Emmanuel Lévinas. *La Révélation*. Bruxelles: Facultés Saint Louis, 1977.
- Schottrof, Luise. *As parábolas de Jesus*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

Artigo submetido a 08.11.2022 e aprovado a 29.08.2023.

